

Em busca da complexidade esquecida

EDGAR MORIN gosta de citar uma passagem de Pascal: "Toutes choses étant causantes, aidées et aidantes, médiates et immédiates, et toutes s'entretenant par un lien naturel et insensible qui lie les plus éloignées et les plus différentes, je tiens impossible de connaître les parties sans connaître le tout, non plus que de connaître le tout sans connaître particulièrement les parties".¹ Essa reflexão densa serve-lhe de base para a fundamentação da epistemologia da complexidade. Exposições e entrevistas mais longas levam-no quase sempre a recorrer a essa chave de seu pensamento.

O fundamental para ele está na reforma do fazer científico. Alain Touraine define-o como um intelectual interdisciplinar e incontornável: "Peut-être ne faut-il pas chercher un lieu central dans l'oeuvre d'Edgar Morin, tellement sa richesse et sa séduction viennent de sa capacité de répondre à toutes les grandes interrogations du monde contemporain".² Morin não conhece fronteiras e trabalha o conhecimento como aquilo que se "tece junto", de acordo com a origem latina da palavra "complexus". Na sua vasta trajetória dialógica marcada pela publicação de cerca de 30 livros, ele sempre se pautou pela busca da contextualização, do sentido de uma totalidade hologramática, movediça, e da inter-relação das peças que formam o imenso puzzle das práticas sociais. Fora disso, o conhecimento parece-lhe despido de significação.

Pode, entretanto, um intelectual ser crítico sem anunciar o apocalipse? O francês Edgar Morin, nascido em 1921, prova que sim. No tempo de Jean-Paul Sartre intelectual engajado, os vendedores de certezas encantavam o mundo e afirmavam-se como gênios da reflexão devastadora. Passada a época das utopias racionalistas, que prometiam o paraíso, mergulhadas no irracionalismo metafísico e na arrogância de uma cientificidade insus-

Juremir Machado da Silva

Sociólogo, jornalista e professor FAMECOS/ PUCRS

tentável, espalhou-se que não havia mais grandes intelectuais para estudar a complexidade da vida. Magnífico erro. Edgar Morin nada deve aos mestres de 30 anos atrás.

Morin, porém, não vende ilusões. Homem de saber enciclopédico, tornou-se enfim uma referência no pensamento europeu. Traz no coração e na mente a convicção de que "le renoncement au meilleur des mondes n'est nullement le renoncement à un monde meilleur".³ De fato, a renúncia ao melhor dos mundos não significa a renúncia a um mundo melhor. Mudar não é preciso (em tempos de incerteza), mas é fundamental. Homem comprometido com a justiça social, não cessa de refletir sobre as noções de pátria, nação, universalismo, identidade, ecologia, política, comunidade, etc. Interessa-lhe, dissecar os mecanismos para a compreensão da intrincada rede cultural contemporânea. Nesse linha, os fenômenos da globalização e do recrudescimento dos nacionalismos xenófobos, elementos paradoxais para um mesmo período histórico, encontram finalmente explicação fora das teses redutoras.⁴

Inimigo feroz das simplificações, Morin combate os procedimentos científicos lineares, que recorrem a princípios finalistas mutiladores e à lógica binária cartesiana da separação arbitrária dos componentes de um conjunto fenomenológico. "Edgar Morin propose d'envisager la culture comme un système faisant communiquer — dialectisant — une expérience existentielle, vécue, et un savoir constitué".⁵ Tudo é comunicação para Morin. A dialética, contudo, foi substituída pela dialógica, em nome da articulação do simples e do complexo, da ordem e da desordem, do separável e do não-separável. Elogio da racionalidade aberta.

A reforma do pensamento capaz de evoluir da lógica clássica à dialógica complexa consiste na superação das especializações estanques que distanciam as várias áreas da pesquisa e impedem a conexão essencial entre campos aparentemente destinados ao isolamento. Morin é um transgressor sempre pronto a chocar-se com as regras acadêmicas

para tentar o salto na direção do novo. No abandono das certezas teóricas absolutas, operação de contestação do paradigma científico moderno, reside a sua maior luta epistemológica. Biodegradáveis, as certezas perecem a cada dia. As teorias nascem e morrem. Em função disso, perde-se o consolo da redenção; ganha-se, em contrapartida, a lucidez do relativismo.

Em *Mes démons*, obra na qual resume o seu percurso e as idéias obsessivas que o dominaram ao longo de uma vida de aventura intelectual, Edgar Morin conta como descobriu, durante a Segunda Guerra Mundial, o marxismo. O encantamento durou pouco. O ser da desconfiança já estava em ação. O marxismo não podia mais seduzi-lo por ter-se convertido, segundo a expressão tomada de empréstimo a Karl Korsch, numa "utopia reacionária".⁶ As asperezas do percurso underground incentivaram-no a investir na originalidade absoluta. Cornelius Castoriadis sintetiza: "L'unité et la singularité de la démarche de Morin découlent d'une intuition profonde et vraie de la spécificité de chacune des sphères de l'être en même temps que de leur solidarité indestructible".⁷

O eterno excluído, que se orgulha de não pertencer a nenhum grupo ou escola, escolheu o caminho da solidão: "C'est quasi instinctivement que, devant toute idée je cherche son contraire. Je vis sans cesse l'assaut des vérités contraires, des impératifs contraires".⁸ Intelectual, sugere, à quem através do ensaio, do texto de revista ou do artigo de jornal, com riqueza de informação, trata dos grandes questões humanas e explora até as últimas conseqüências a articulação confiança/desconfiança. Os especialistas, costuma repetir com acidez, são, com frequência, homens de saber alheios à dialógica da complexidade que não passam de gafanhotos — simpáticos, quando isolados; predadores, em bando. Grande parte das dificuldades que enfrentou, antes de ser reconhecido como um pensador de primeira grandeza, são explicadas por sua disposição em atacar os intelectuais: "Je ne respecte pas la loi du milieu".⁹

Viver a imprecisão

Em 1962, após um período de hospitalização em Nova York, Morin sentiu necessidade de escapar à podridão da comunidade intelectual, certo de que um indivíduo não deve afundar-se na caricatura da própria vida. Conhecedor de manobras acadêmicas, com as quais nunca concordou, sofreu as perseguições e o repúdio de uma corporação corroída, na época, pela mediocridade e soldada em nome do Progresso, do Saber, da Verdade, da Ciência e de outros termos de conhecida manipulação. Na contramão de todos os credos científicos, jogou a carta da incerteza em oposição às leis históricas jamais demonstradas, recuperou o risco e o imprevisível como vetores naturais e recusou-se a aceitar o messianismo das esquerdas duras e desejosas de uma linearidade salvacionista.

Sempre a complexidade. Necessidade imposta pelo avanço do pensamento tecnocrático, pela ameaça dos fanatismos religiosos e pelo esquecimento da dimensão humana do Ser. Para Morin, adversário de todos os totalitarismos, respaldado por sua biografia de resistente ao nazismo, os meios de comunicação de massa e as universidades representam muitas vezes o papel de oponentes vigorosos da compreensão profunda dos dilemas sociais. Não se trata de um ataque gratuito ou ideológico à produção acadêmica. Ao contrário. Morin defende a reforma educacional que permita à universidade ocupar lugar decisivo na formação de homens voltados para a liberdade.

Pesquisador sem tabus temáticos, Edgar Morin debruçou-se sobre os problemas da cultura da massa. A imagem, por exemplo, é um de seus assuntos prediletos. Michel Maffesoli observa: "Receptáculo dos sonhos, o cinema constitui o elo mágico por excelência, pois sua estrutura, como analisa com pertinência E. Morin, permite o jogo de sombras, do sortilégio, da passividade, coisas que, como sabemos, são constitutivas da vida social".¹⁰ Esse espaço do irreduzível, do inútil, tem o seu preço. Os intelectuais e cientis-

tas, embriagados pelo saber acrítico acumulado, adoram denunciar o cretinismo dos meios de comunicação de massa e dos incultos sem jamais admitir que os espíritos simples possuem também um saber e a capacidade de participar intensamente de emoções (a imersão num filme, por exemplo) e ainda assim estabelecer a diferença entre ficção e realidade. Os intelectuais, afirma, são alienados, através de uma ideologia abstrata, típica do fetichismo moderno, que não podem suportar a alienação dos outros pelas telenovelas ou pelo futebol.¹¹

Irônico, Morin salienta o essencial: os intelectuais atacam o conformismo e os estereótipos e esquecem que eles mesmos formam uma subcultura convencional, cheia de estereótipos, conformista e preconceituosa. Além disso, arrogante. Nenhuma moda lhe escapa: estruturalistas, marxistas, althusserianos, eliminadores da idéia de Homem e de Sujeito, crentes de toda a sorte, recebem a sua parte. Solitário, Morin sabe que pouco pode contra os representantes da elitização de um saber impotente em relação à complexidade existencial, mas poderoso enquanto mecanismo de dominação.

Maffesoli sustenta que não existem enganados e enganadores, "mas uma atitude global".¹² Morin persegue o ponto de intersecção entre as perspectivas opostas, o núcleo indefinível da ambigüidade, a encruzilhada dos inconciliáveis. Caminhada de confronto, segundo as suas próprias palavras, em duas frentes: contra a baixa cretinização gerada pela mídia e, na outra ponta, contra a alta cretinização alimentada pelos intelectuais.¹³ A guerra só poderia ser devastadora. De um lado, a abstração conceitual falsamente elucidativa (os ismos de todos os tipos). De outro, a recusa de teorias absurdas dando conta da morte do homem e do fim da noção de sujeito. Morin não se dobrou jamais: "J'ai été souvent solitaire parce que je ne pense pas selon les alternatives et les évidences de la caste intellectuelle".¹⁴

Teórico em rota de colisão com as certezas imobilizadoras, Morin conserva-se sintonizado com o desejo de mudança social. A

razão para o seu compromisso com a transformação é simples: o futuro povoa o imaginário dos homens e cobra projeções que revelam, no mínimo, preocupações legítimas com o bem-estar das gerações do amanhã. Sofre-se no presente a antecipação do devir. Deve-se, contudo, evitar de matar o aqui e o agora em função de uma religião do vir-a-ser. O futuro não pode ser convertido em doença do presente. A humanidade experimenta hoje a decadência de um tipo de idéia de futuro. Cabe construir uma nova concepção de devir passível de acolher uma confluência de sonhos.

Fugir à racionalização para alcançar a racionalidade, eis a aposta de Morin para que a humanidade continue a projetar o “mundo melhor” sem cair no reducionismo do “melhor dos mundos”. As misérias do Terceiro Mundo, é compreensível, fazem com que a tentação salvacionista reacenda a cada dia o mito, nem sempre confessado, da revolução nos corações inconformados com o capitalismo. Os leitores de Morin perceberão que para ele a construção do presente passa pela descoberta de um novo amanhã e pela ruptura com o projeto nostálgico de recuperação de um passado fracassado. Sociólogo de uma era de nebulosa, conforme Fages, Morin descobre que a profunda crise civilizacional exige uma “sociologie du présent”.¹⁵

Se a cientificidade não é uma garantia de lucidez política, a racionalidade — sistema aberto às contradições fundamentais do homem lúdico, produtivo e exposto constantemente à esquizofrenia societal — aparece como a mais elevada forma de conhecimento humano. Ao contrário da racionalização, fechada e calcificada logicamente, a racionalidade conjuga esforços argumentativos, de verificação, de crítica e de autocrítica e, mais do que tudo, rejeita argumentos de autoridade. O elogio da racionalidade feito por Morin nunca deixa de salientar os limites desse portentoso instrumento que possibilita o diálogo com o desconhecido, mas não apresenta respostas para tudo.¹⁶

Sociologia do presente, filosofia da incerteza, epistemologia da complexidade, teo-

ria do acaso fundador, abertura ao impoderável, anseio radical de elucidação, paixão pelo diálogo, cruzamento de disciplinas: a obra de Edgar Morin é um convite à experimentação das dores e das delícias da “imprecisão”, no sentido imortalizado pela poesia de Fernando Pessoa, cuja paráfrase moriniana por excelência poderia ser: compreender não é preciso. Fazer ciência também não.

A metodologia do Método

A obra de Edgar Morin é uma ferramenta preciosa para a compreensão dos paradoxos da era da informação. Os quatro volumes de *O Método*¹⁷ situam com perfeição o intelectual sempre em busca do caminho desconhecido e inovador. Como tudo o que diz respeito à estrutura de pensamento de Morin, *O Método* ultrapassa os limites da metodologia para configurar uma teoria e um imaginário epistemológico. Formidável libelo contra o positivismo e contra todo tipo de determinismo, essa apologia da compreensão vertiginosa supõe um infundável jogo de posições e de relativizações. A complexidade negocia com a incerteza, não para exorcizá-las, o que é impossível, mas na perspectiva do estabelecimento de pontes provisórias entre o ser-que-busca e o desconhecido.

J. J. Le Moigne, exímio conhecedor da obra de Edgar Morin, toca o aspecto decisivo: “Une pensée qui sait qu’elle peut relier et que les liens qu’elle construit peuvent former ce prodige de l’esprit qu’est le entendement humain”.¹⁸ Quando a atomização espreita, marca assustadora de sociedades performaticas e escravizadas pela burocratização dos saberes e dos poderes, a superação, ainda que sempre parcial, do esfacelamento intelectual pressupõe a valorização do conjunto, da totalidade multidimensional.

Estratégia da desintegração para a reconstrução, a complexidade desmonta a totalidade totalizante, clássica e monolítica, com a preocupação teórica de estabelecer uma nova totalidade aberta, circular, precária e em

permanente intercâmbio com as suas partes. Morin está muito longe de ser um apologista da fragmentação categórica ou das virtudes da ausência da finalidade. Os finalismos deterministas, porém, não o convencem na medida em que ele questiona a própria finalidade da finalidade. Tudo o que concorre para a realização da vida não pode desviar-se da pergunta sobre a finalidade última do viver.

O grande perigo da obsessão finalista perversa está em que *"cette rationalisation finalitaire devient symétrique à l'ancienne causalité élémentaire, car, comme elle, elle chasse l'incertitude et la complexité"*. Não se deve esperar da complexidade, enquanto meio de entender os fenômenos, uma arma para enfim eliminar a incerteza, descobrir os verdadeiros fins e estabelecer sem margem de erro a trama precisa dos objetos. A informação, vista como a finalidade suprema deste final de milênio, acaba por esconder ou negligenciar o sujeito da troca de signos. Informação para quê? Informação para quem? Os meios de comunicação tornaram-se sujeitos de si mesmos. A informação — fetiche desconsidera a humanidade dos homens. Simplificar é a palavra-chave da mídia.

"Ainsi l'idée de finalité s'impose. Mais il faut non seulement tempérer l'enthousiasme piagétien: il faut relativiser et relationner l'idée de finalité".¹⁹ Morin não é o único a enfrentar as distorções da cientificidade moderna. O "Grupo dos 10", formado entre outros por Jacques Robin, Henri Atlan, Jacques Attali, Henri Laborit, Michel Serres, Joël de Rosnay e, claro, Morin, empreendeu nos anos 1960 uma cruzada contra o cartesianismo. Rosnay destaca a importância da "separação" cartesiana na edificação do esplendor científico atual, mas socorre-se de Morin para enfatizar que a inteligência parcelada, fruto do fracionamento dos problemas, resultou no estilhaçamento da complexidade do mundo.

Implodir a fortaleza das verdades consumadas continua a ser o maior desafio dos adeptos de uma nova visão sistêmica: *"Indispensable pour fonder la science, la démarche analytique ne suffit plus pour*

expliquer la dynamique et l'évolution des systèmes complexes, les rétroactions, les équilibres, l'accroissement de la diversité ou l'auto-organisation. Il était donc nécessaire qu'émergent de nouvelles méthodologies d'organisation des connaissances face à la complexité du monde".²⁰ Caose auto-organização entrelaçam-se. A ordem nasce da desordem. A desordem origina-se na ordem. Ordem e desordem geram o irreconhecível, o imprevisível. Nenhuma síntese acabada é possível.

Tomar, portanto, as ciências da complexidade como portadoras da salvação remete ao passado e trai a lógica desses aportes plenos de inconformismo. A complexidade só permanece complexa na medida em que reconhece os seus limites e rejeita a burocratização. O Método é um grito contra as tentações tecnocráticas do "metodologismo": *"La stérilité menace tout travail qui ne cesse pas de proclamer sa volonté de méthode"*.²¹ Edgar Morin conhece o valor do método, o que, de resto, não seria razoável contestar, nas difíceis veredas da pesquisa científica. No entanto, a exemplo de Paul Feyerabend, entende que *"a ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teórico é mais humanitário e mais suscetível de estimular o progresso do que as suas alternativas representadas por ordem e lei"*.²²

O mundo confunde-se com os seus mitos. A ciência, altar da razão, mistura-se com as suas fantasias. Morin e Feyerabend foram longe nas denúncias contra a barbárie do conhecimento tecnocrático. A tarefa primordial do "cientista" não se alterou: transformar o conhecimento em sabedoria. Urge quebrar a arrogância dos metadisursos, fomentar a interpenetração dos campos de investigação, relativizar o alcance de certas descobertas, estimular a curiosidade pura, acionar a máquina da desconfiança, multiplicar as perguntas, sonhar sempre com novas verdades, combater as velhas verdades injustas, etc.

Morin nomeia o "grande paradigma" e aponta os seus males: a vida, com suas paixões e sentimentos, reduzida ao cálculo, engolida

pelo império da racionalização. Imaginários fabricados pela força do tempo e pela disseminação secular de modelos existenciais mutiladores. Na era da informação, a comunicação é um simulacro, um fantasma, uma ausência, uma recusa, uma quase impossibilidade: "La techno-science se forme, se ramifie, s'institutionnalise dans les universités, puis les entreprises industrielles, puis l'État. En deux siècles, elle passe de la périphérie au coeur de la société".²³ Onde pode ainda manifestar-se o sujeito da contestação, o homem da alteridade, o ser da exclusão?

Mesmo que as brechas sejam mínimas, Morin não as despreza. Os intelectuais, os formadores de opinião, precisam retomar o trabalho de discussão. Forjar idéias é fundar universos dialógicos. A dialógica não existe sem pluralismo, sem desvio, sem contestação, sem contra-informação, sem comunicação de sentimentos. A normalização, expressão máxima do conformismo, paralisa os intelectuais, arranca-lhes a originalidade, tira-lhes a autonomia, impede-os de pensar por contra própria. Tudo é previsto, das palavras permitidas às teorias defensáveis: "Aussi peut-on voir, dans les hautes sphères intellectuelles universitaires, des exemples superbes de conformisme, qui n'y sont reconnus qu'après quelques générations".²⁴

Intelectual, contudo, não são apenas o pesquisador, o professor, o cientista e o escritor; os jornalistas, no sentido amplo da palavra, também o são. Intelectuais que há muito abdicaram do prazer e da obrigação de repudiar o conformismo. A mídia quer distância da complexidade. A simplificação é mais rentável. A crítica da mídia não se volta jamais contra a própria mídia. As exceções servem de legitimação, simulacro de autocrítica. Produtores e produzidos por um imaginário que os engloba, os meios de comunicação, para serem examinados em profundidade, devem ser submetidos a complexas radiografias à luz do paradigma que os justifica.

Edgar Morin não deve ser entendido como o inimigo dos intelectuais. Amigo das idéias, conserva a força da rebeldia. A com-

plexidade implica afrontar as verdades caseiras, as certezas confortáveis e, por vezes, até mesmo os ideais mais caros e aparentemente generosos. A irreverência epistemológica vai além dos compromissos ideológicos e significa a exegese de todas as ideologias. Exercício constante de dialógica — colocar em relação o exame dos pressupostos de um projeto, de uma idéia, de uma posição, etc. — deslegitima as pretensões universalistas atemporais e fundamenta a evolução paradigmática. Edgar Morin simboliza o eterno retorno da dúvida.

Notas

1 MORIN, Edgar. *La méthode – 1. la nature de la nature*, Paris, Seuil, 1977, p. 7.

2 TOURAINE, Alain. "Edgar Morin et le chances de la liberté". In: *Les jardins de la connaissance*, Paris, Université Euro-arabe Itinérante, nº 2, outubro de 1995, p. 29.

3 MORIN, Edgar. "La pensée socialiste en ruine". In: *Le Monde*, Paris, 21/04/1993, p. 2. Nesse artigo extraordinário, Morin lembra que para Marx: "la science apportait la certitude", sendo o mundo determinista; de resto "ni l'imaginaire ni le mythe ne faisaient partie de la réalité humaine profonde". Em oposição a isso, Edgar Morin sustenta que não se pode "opposer un futur radieux à un passé de servitudes et de superstitions. Toutes les cultures ont leurs vertus, leurs expériences, leurs sagesses, en même temps que leurs carences et leurs ignorances".

4 Ver MORIN, Edgar. *Terra-pátria*, Porto Alegre, Sulina, 1995. Uma das epígrafes do livro, colhida na obra do escritor Ernesto Sabato, já diz muito sobre a maneira de pensar de Morin: "Precisamos de mundiólogos" (p. 5).

5 FAGES, J. B. *Comprendre Edgar Morin*, Paris, Privat, 1980, p. 159.

6 MORIN, Edgar. *Mes démons*, Paris, Stock, 1994, p. 246.

7 CASTORIADIS, Cornelius. "Morin le cheminant". In: *Les jardins de la connaissance*, op. cit., p. 39.

8 MORIN, Edgar. *Mes démons*, op. cit., p. 83.

-
- 9 Idem, p. 96.
- 10 MAFFESOLI, Michel. A conquista do presente, Rio de Janeiro, Rocco, 1984, p. 65.
- 11 MORIN, Edgar. Mes démons, op. cit., pp. 263-264.
- 12 MAFFESOLI, M. A conquista do presente, op. cit., p. 110.
- 13 MORIN, Edgar. Mes démons, op. cit., p. 217.
- 14 Idem, p. 258.
- 15 FAGES, J. B., Comprendre Edgar Morin, op. cit., p. 123.
- 16 Sobre esse aspecto, ver. MACHADO DA SILVA, Juremir. "Entretien avec Edgar Morin, penseur de la complexité". In: Les jardins de la connaissance, op. cit., pp. 22-27.
- 17 Ver MORIN, Edgar. La méthode – la nature de la nature, Paris, Seuil, 1997, vol 1.
_____. La méthode – La vie de la vie, Paris, Seuil, 1980, vol II.
_____. La méthode – la connaissance de la connaissance, Paris, Seuil, 1986, vol III.
_____. La méthode – les idées, leur habitat, leur vie, leurs moeurs, leur organisation, Paris, Seuil, 1991, vol IV.
- 18 LE MOIGNE, J.J., "Une pensée qui relie...". In: Les jardins de la connaissance, op. cit., p. 34.
- 19 Idem, p. 267.
- 20 ROSNAY, Joël de. L'homme symbiotique – regard sur le troisième millénaire, Paris, Seuil, 1995, pp. 37-38.
- 21 BARTHES, Roland, apud JEANNENAY, Jean-Noël. Une histoire des médias – des origines à nos jours, Paris, Seuil, 1996, p. 9.
- 22 FEYERABEND, Paul. Contra o método, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977, p. 17.
- 23 MORIN, Edgar. La méthode – les idées, leur habitat, leur vie, leurs moeurs, leur organisation, op. cit., p. 228.
- 24 Idem, p. 26.